

# AUTOBIOGRAFIA, APROPRIAÇÕES E SUBVERSÕES: A LITERATURA NEGRA ABOLICIONISTA NOS ESTADOS UNIDOS OITOCENTISTAS

## AUTOBIOGRAPHY, APPROPRIATIONS, SUBVERSIONS: BLACK ABOLITIONIST LITERATURE IN 19TH CENTURY UNITED STATES

José de Paiva dos Santos\*

### Resumo

*Este artigo examina duas narrativas autobiográficas escritas por ex-escravos nos Estados Unidos no século dezanove: Narrative of the Life of Frederick Douglass, An American Slave. Written by Himself (1845) e Incidents in the Life of a Slave Girl. Written by Herself (1861). Analisa, também, o modo como Frederick Douglass e Harriet Jacobs (sob o pseudônimo de Linda Brent) se apropriam do discurso político-teológico vigente, pautado em interpretações questionáveis do texto bíblico, e subvertem signos e metáforas que os colocam na posição de seres subumanos, desprovidos de razão e autonomia. Nesse processo de reinserção e reescrita do “eu” no discurso sócio-político-teológico da época, Douglass e Jacobs confrontam a tradição que os oprime ao apropriarem-se do discurso dominante e expõem os seus alicerces ideológicos.*

**Palavras-chave:** *Autobiografia, Escravidão, Religião, Bíblia, Cristianismo.*

### Abstract

*This article examines two autobiographical accounts – Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave. Written by Himself and Incidents in the Life of a Slave Girl. Written by Herself – produced by two of the most prominent figures of the anti-slavery movement in the nineteenth century in the United States: Frederick Douglas e Harriet Jacobs, both of African descent. This essay examines the ways in which Douglass and Jacobs (under the pseudonym of Linda Brent) deconstruct political-theological discourses founded on racist and skewed interpretations of the biblical text. It demonstrates how both authors subvert biblical signs and cultural metaphors which placed them in the category of subhuman, deprived of reason and autonomy. In the process, they gain not only power over their minds and bodies, but also re-insert and re-write themselves into the history of the country, thereby challenging existing cultural and theological assumptions about their race.*

**Key words:** *Autobiography, Slavery, Religion, Bible, Christianity.*

A crítica literária nas últimas décadas tem mostrado um crescente interesse no estudo das relações entre a literatura e a religião. No tocante a esse tema, alguns críticos têm se remetido a uma declaração feita em 2005 por Stanley Fish, que afirmou haver chegado o momento de o mundo acadêmico levar a sério o discurso religioso e suas devidas implicações no universo dos saberes. Segundo Fish (*apud* Felch, 2009), um novo paradigma, talvez uma “virada religiosa”, estaria a despontar no horizonte:

When Jacques Derrida died I was called by a reporter who wanted to know what would succeed high theory and the triumvirate of race, gender and class as the center of intellectual energy in the academy. I answered like a shot: religion (p. 213).<sup>1</sup>

Apesar do tom exagerado da afirmação, críticos interessados em examinar os diversos cruzamentos entre literatura e religião acreditam na relevância de tal observação. Nas últimas décadas do século vinte e início do século vinte e um, tem havido um grande interesse em se examinarem as relações entre literatura e experiência religiosa. Pode-se dizer, inclusive, que foi com essa “virada religiosa” em mente que o alemão Karl-Josef Kuschel (1999, p. 211-213) propôs o termo Teopoética como campo de reflexão sobre as diversas formas de manifestação do divino na literatura e um possível delineamento de critérios estilísticos para um discurso teológico/espiritual na literatura contemporânea.

No que tange à literatura produzida por escravos e ex-escravos nos Estados Unidos, divorciar a experiência religiosa da análise de narrativas autobiográficas, poemas, *spirituals* e outras manifestações culturais certamente dificultaria a compreensão das primeiras manifestações artístico-literárias desse importante segmento da população. Conforme observa Yolanda Pierce (2009), a literatura afro-estadunidense é produto não apenas de culturas e mundos híbridos, mas também de religiões híbridas, isto é, do confronto entre religiões africanas tradicionais e o cristianismo ocidental (p. 233). Assim, para entender o espaço político e cultural nos quais essas manifestações ocorreram, não se pode excluir o contexto religioso e as devidas interações entre senhores e escravos, igreja e comunidade, educação e religião. Caputo e Keller (2007), ao tecerem considerações sobre a relação entre religião e política, comentam que

whenever we order political space we also and inevitably have God on our mind (...) thinking is always a certain proto-primal faith, whatever might be our particular or concrete beliefs, be they confessional or even secular (p. 105).<sup>2</sup>

Para eles, as fronteiras que dividem o espaço político/religioso são tênues e, mais ainda, como seres racionais, estamos sempre nos movendo num espaço *archi-teológico*, quer admitamos ou não. Conforme os autores, reforma política e social envolve, dessa forma, não o eliminar de todo resquício do transcendente, mas uma análise crítica de nossas pressuposições teológicas, qual seja, “learning to think about theology differently, which means to think about God otherwise, to reimagine God” (p. 106).<sup>3</sup> Apesar das limitações impostas por leis que lhes negavam acesso ao letramento e outros bens culturais, escravos e ex-escravos que conseguiram transpor as barreiras do analfabetismo e da marginalização social entendiam muito bem o jogo de poder entre o elemento político e as instituições religiosas, como ressaltam Caputo e Keller. Cercado por privações, abuso físico, sexual e psicológico, os poucos com acesso à escrita tinham a tarefa não só de lutar por um espaço teológico no qual pudessem satisfazer seus anseios espirituais, mas também reimaginar Deus e repensar os pressupostos teológicos do cristianismo protestante. As narrativas de escravos que surgiram no século dezenove abraçaram essa dupla missão: denunciar as mazelas do sistema escravocrata e ao mesmo tempo subverter e revisar o discurso político-teológico vigente.

É por esse viés que este ensaio irá examinar *Narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave. Written by himself* e *Incidents in the life of a slave girl. Written by herself*. Nessas duas autobiografias, Frederick Douglass e Harriet Jacobs (sob o pseudônimo de Linda Brent) narram suas experiências nas mãos de senhores cruéis que não hesitavam em usar a força, mesmo quando desnecessária, para impor sua autoridade senhorial. Entre as estratégias denunciadas por ambos está o uso da fé cristã e, conseqüentemente, da Bíblia, como instrumento de inculcação de valores como obediência irrestrita e trabalho árduo. Ambas as narrativas têm, portanto, um forte conteúdo propagandista, cujo objetivo era sensibilizar os leitores abolicionistas do Norte a lutarem pela causa daqueles que ainda permaneciam submissos ao trabalho forçado nas fazendas do Sul estadunidense. Porém, por trás do teor didático imposto à estrutura e conteúdo dos eventos narrados, percebe-se também uma preocupação em revisar e reordenar o espaço político-religioso vigente. Mais importante ainda, as narrativas transformam-se não só em instrumento de denúncia, mas também em locus de articulação de um projeto ontológico, visando à autocriação, à autodefinição, à (re)escrita de um “sujeito” em contraposição ao “objeto” escravizado. Portanto, imbuídos de uma visão abolicionista tanto no sentido material quanto espiritual, Douglass e Jacobs não abandonam os preceitos bíblicos que abraçaram, mas apropriam-se, subvertem e transformam o “legado cultural ocidental, usando-o em articulações e funcionamentos específicos e configurando, assim, significações específicas” (Toller, 2009, p. 93). Uma análise desses mecanismos

de apropriação, subversão e significações se faz, portanto, necessária, para uma compreensão da maneira como essas autobiografias, tanto no nível de estrutura quanto de conteúdo, buscam redefinir e reinserir o negro na história dos Estados Unidos oitocentistas.

*Narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave. Written by himself* (1845)<sup>4</sup> é considerada pela crítica a mais autêntica entre as dezenas de narrativas que surgiram no século dezenove por pintar um retrato do protagonista com praticamente nenhuma interferência de seus patrocinadores. Conforme observa James Olney (1990), aqui Douglass vai além das convenções narrativas da época ao expor não apenas os sofrimentos e as mazelas da escravidão, mas também ao descrever seu crescimento moral, emocional e intelectual. O protagonista não é apenas uma mera ilustração dos problemas inerentes do regime escravocrata, mas um indivíduo único buscando libertação física, moral e espiritual (p. 153-154). Para alcançar tal objetivo, percebe-se o claro uso de estratégias subversivas, por parte do autor, pela apropriação e subversão de metáforas, mitos e estereótipos forjados por uma ideologia político-religiosa com o intuito de justificar a posse de seres humanos. Douglass entende bem como funciona essa máquina ideológica e, em *Narrative*,<sup>5</sup> ele embarca em um projeto revisionista dos signos e discursos utilizados para justificar a escravidão.

Um elemento que se destaca nos primeiros capítulos de sua autobiografia é a questão da figura bíblica do Éden e do Adão estadunidense, como propagado pelos colonizadores europeus e perpetuado após a independência dos Estados Unidos. De acordo com essa ideologia, a América é concebida como um paraíso intocado pela corrupção do velho mundo, no qual abundavam frutas, aves, peixes e animais de toda espécie. Nesse contexto paradisíaco, reaparece a figura bíblica do Adão estadunidense como um ser

emancipated from history, (...) happily bereft of ancestry, untouched and undefiled by the usual inheritances of family and race; (...) self-reliant and self-propelling, ready to confront whatever awaited him with the aid of his own unique and inherent resources (Brooks, 2003, p. 7).<sup>6</sup>

Em vários momentos durante sua narrativa, Douglass confronta esse mito que exclui os afrodescendentes desse ambiente e os relega à categoria de animais. No capítulo 3, por exemplo, ele descreve o pomar de seu senhor, Coronel Lloyd, como primorosamente cultivado e que serve, inclusive, de atração para a toda a vizinhança: “It abounded in fruits of almost every description, from the hardy apple of the North to the delicate orange of the South” (Douglass, 2000, p. 291).<sup>7</sup> Acrescenta ainda que, na fazenda, “fish, flesh, and fowl, were (...) in profusion. Chickens of all breeds,

ducks of all kinds, wild and tame” e outros animais e plantas em abundância: “the tender asparagus, the crisp celery, and the delicate cauliflower, eggplants, beets, lettuce, parsnips, peas, and French beans” (Douglass, 1962, p. 58-59).<sup>8</sup> Como o Éden idealizado pelos colonizadores europeus, a fazenda do Sr. Lloyd possui o melhor que a terra pode prover. Após essa descrição minuciosa, Douglass subverte essa metáfora de paraíso ao conceber o homem branco não como um Adão sem história, inocente e progressista, mas como um agente mau, corrupto, bem mais semelhante à serpente que destruiu o paraíso bíblico. Douglass (1962) observa:

Alas, this immense wealth, this gilded splendor, this profusion of luxury, this exemption from toil, this life of ease, this sea of plenty, were not the pearly gates they seemed to a world of happiness and sweet content to be (p. 60).<sup>9</sup>

Ele ilustra essa observação com a crueldade com que são tratados os que tentam entrar no pomar e apanhar frutos para consumo:

This garden was not the least source of trouble on the plantation. Its excellent fruit was quite a temptation to the hungry swarm of boys, as well as older slaves, belonging to the colonel, few of whom had the virtue or vice to resist it. Scarcely a day passed, during the summer, but that some slave had to take the slash for stealing fruit (Douglass, 2000, p. 291).<sup>10</sup>

Para impedir acesso, o Coronel Lloyd recorria a toda a sorte de estratégias, a mais eficaz sendo colocar piche na cerca:

... after which, if a slave was caught with any tar upon his person, it was deemed sufficient proof that he had either been in the garden or tried to get in (Douglass, 2000, p. 291).<sup>11</sup>

O chicote é a penalidade pela ousadia em trespassar os limites. Douglass subverte, dessa forma, a figura bíblica do Éden e mostra a incongruência inerente no mito estadunidense. Nesse contexto, como reitera J. Lee Greene (1996), Douglass usa “the garden trope to refute an Anglo-American idyllic perspective on the New World’s Garden” (p. 21).<sup>12</sup>

Aqui, o jardim não é um paraíso habitado por um casal inocente, incapaz de maldade. Ao contrário, os senhores de escravos tornam-se, no modelo subversivo de Douglass (1962), “invisible spirits of evil” (p. 60),<sup>13</sup> figuras que maquinam todo tipo de maldade com o intuito de excluir e punir os que desobedecem.

Essa desmistificação do Adão paradisíaco é reforçada com a descrição dos augures sofridos pelos escravos nas mãos dos capatazes nas plantações. Douglass relata o caso de sua estadia com o Sr. Covey, dono de poucos escravos, mas que era normalmente contratado para “domar” negros rebeldes. Douglass passou um ano trabalhando com esse conhecido *negro breaker*, e sua exposição dessa temporada vem revestida de uma forte crítica à pretensa religiosidade desses homens. Douglass (1962) retrata Covey como um ser mau, astuto e mentiroso:

But with Mr. Covey trickery was natural. Everything in the shape of learning or religion which he possessed was made to conform to this semi-lying propensity. He did not seem conscious that the practice had anything unmanly, base, or contemptible about it. (...) His religion was a thing altogether apart from his worldly concerns (p. 122-23).<sup>14</sup>

A artimanha preferida de Covey era pegar seus escravos de surpresa e, para isso, muitas vezes, avisava que iria viajar e ficava de longe espreitando. Ele tinha a capacidade de fazê-los pensar que estava sempre presente, como um espírito pairando sobre eles:

He seldom approached the spot where we were at work openly, if he could do it secretly. He always aimed at taking us by surprise. Such was his cunning, that we used to call him, among ourselves, “the snake” (Douglass, 2000, p. 322).<sup>15</sup>

A figura de Covey como um agente do mal em meio a um paraíso decaído fica clara com essa alusão à serpente que levou o Éden à queda. Se o negro era visto pelo europeu como o elemento desestabilizador desse reino tido como paradisíaco, em sua autobiografia Douglass problematiza essa visão ao introduzir o mal na figura do senhor de escravo e seus capatazes. O paraíso edênico, como concebido pelo imaginário europeu e depois perpetuado nas Américas, é aqui questionado e revisado.

Além de problematizar o discurso judaico-cristão por meio da apropriação e da subversão de seus signos e metáforas, como as passagens anteriores exemplificam, Douglass se utiliza igualmente de sua autobiografia para articular um sujeito que confronta o mito do negro como uma raça decaída e destinada à escravidão. Conforme já comentado por vários historiadores, o encontro do europeu com o negro africano deu origem a vários mitos quanto à procedência destes. Com base em passagens bíblicas ambíguas, muitos exegetas, desde a Idade Média, atribuíam a cor negra e servitude do africano a maldições divinas infligidas por Javé no Velho Testamento. Segundo alguns, a negritude era o sinal colocado por Javé sobre Caim após este ter cometido o primeiro fratricídio

da história: “E pôs o Senhor um sinal em Caim para que o não ferisse de morte quem quer que o encontrasse” (Gen. 4:15). Dentro do discurso da época, o sinal, interpretado como pele negra, passou a simbolizar a maldição divina que justificava, assim, a exclusão dos negros como seres humanos e filhos de Deus. Os rabinos do início da Idade Média chegaram a conjecturar, inclusive, que a pele escura era fruto da fuligem do sacrifício não-aceito de Caim (Callahan, 2006, p. 26). Outro mito, também proveniente da Bíblia, mantinha que a maldição se originou com Cam, filho de Noé, que viu seu pai nu e teve sua progênie, na figura de Canaã, amaldiçoada com a servitude: “Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos” (Gen. 9:26). Portanto, conforme observa Callahan (2006),

como Cam e sua progênie foram identificados com os povos africanos, a maldição da servitude perpétua sobre seu filho Canaã foi imputada como base lógica para a escravidão de africanos nas Américas (p. 29).

Esses eram os mitos com os quais não só Douglass, mas todos os afro-descendentes conviveram ao longo do período de cativeiro. Vital era a reversão desses e outros tipos de discursos opressores para que o negro conquistasse espaço e autonomia. Douglass confronta, ao longo de sua narrativa, o mito do africano destinado à submissão, e mais uma vez se utiliza da retórica judaico-cristã para implodir, de certa forma, uma estrutura perniciososa que, embora frágil, fortalecia-se no discurso político-religioso dos senhores de escravos e líderes religiosos. Dessa forma, a autodefinição torna-se o tema emblemático da segunda parte da sua autobiografia. A partir desse ponto, a escrita se torna, nas palavras de J. Lee Greene (1996), um “extended speech act that monitors the centered subject’s transformation from subhuman (slavery) to human (freedom)” (p. 27).<sup>16</sup> Esse processo de transformação e autocriação tem seu início com o confronto entre Douglass e seu *negro breaker*, o mestre Covey. Douglass relata que certo dia, devido ao forte sol e trabalho pesado, desmaia e é fortemente punido com chutes e pontapés. Ao reclamar para seu dono original, Sr. Thomas, vê-se indefeso, pois este se recusa a interferir na disputa entre ele e Covey. Ao voltar, Covey decide puni-lo, amarrando-o e arrastando-o para um galpão. É nesse momento que ele decide reagir:

... from whence came the spirit I don’t know – I resolved to fight; and, suiting my action to the resolution, I seized Covey hard by the throat; and as I did so, I rose (Douglass, 2000, p. 330).<sup>17</sup>

Douglass relembra esse episódio mais tarde como um divisor de águas em sua vida como escravo. Foi, explica ele, o episódio que não só reacendeu em seu peito as chamas do desejo por liberdade, mas também o sentimento de virilidade, a sensação de ser homem novamente. Fazendo alusão à tradição messiânica, ele descreve esse momento como “a glorious resurrection, from the tomb of

slavery, to the heaven of freedom” (Douglass, 2000, p. 331).<sup>18</sup> A partir desse dia, Douglass relata que nunca mais foi submetido a chicotadas e espancamentos. Alguns anos depois, empreende sua fuga para o Norte, onde enfrenta hostilidade por parte dos brancos, mas sem se acovardar. Sua narrativa termina com o retrato de um indivíduo ativamente engajado no movimento abolicionista.

A luta entre Douglas e Covey representa, portanto, não apenas um ato de sobrevivência diante de uma ameaça real, mas um gesto de autoafirmação como ser humano, uma reconquista dos direitos sobre seu corpo. Esse momento marca a passagem de um ser emasculado pela servidão, sem autonomia, a um indivíduo de posse de seus atos, posse essa que ele descreve como reconquista de sua masculinidade. Joanna Brooks (2003), em um estudo sobre as raízes da literatura afro-americana, faz uso da metáfora do Lázaro ressurreto para explicar o caráter revolucionário das primeiras expressões literárias dos afrodescendentes nos Estados Unidos. Ela argumenta que, em contraposição ao mito do Adão americano, um ser emancipado dotado de poder para nomear, construir e destruir, a metáfora que melhor explica as primeiras vozes literárias de afrodescendentes é a do Lázaro bíblico. Lázaro, na Bíblia, foi milagrosamente ressuscitado por Cristo depois de quatro dias, tornando-se, assim, testemunha viva do poder do Messias. Infelizmente, Lázaro não relatou sua experiência *post mortem*, ou, pelo menos, esta não foi registrada nas escrituras. Como teria sido olhar para alguém que sobreviveu à morte e agora perambula pelas ruas? Segundo Brooks (2003), a metáfora do Lázaro, por meio dessas e outras perguntas, descreve, de muitos modos, a experiência de escravos africanos que “morreram” ao serem trazidos cativos para a América e “ressuscitaram” quando se tornaram livres. A diferença, conclui a autora, é que os negros registraram em forma de canções, folclore, sermões, poemas e textos narrativos suas experiências dos dois lados:

Unlike the resurrected Lazarus, African-American[s] (...) did not remain entirely mute on these subjects. Their early writings reflect the imposed discontinuities, cruelties, and mortalities of life under slavery and colonialism, and they demonstrate the drive to claim life from death and meaning from chaos (Brooks, 2003, p. 9).<sup>19</sup>

A vitória de Douglass sobre Covey exemplifica muito bem esse *insight* articulado por Brooks. Na forma de um Lázaro moderno, Douglass morre para uma vida servil e nasce para uma vida de autonomia e controle sobre seu corpo. Nessa descrição de sua luta e vitória, ainda que parcial, ele reconquista não só o direito sobre si mesmo ao vencer a “serpente” simbolizada por Covey, mas também subverte noções etnocêntricas e logocêntricas de teologia ao expor a precariedade do conceito edênico de América. Num gesto revolucionário, ele subverte essas ideologias num processo que Daneen Wardrop (1998) chama de desconstrução do “logos branco racista”,



discurso esse que dava legitimidade ao sistema escravocrata (p. 650). A ressurreição do corpo, tão apregoada pelos ministros cristãos, toma contornos subversivos na apropriação feita por Douglass dos significantes e significados marginalizadores de seu tempo.

*Incidents in the life of slave girl. Written by herself* (1861), de Harriet Jacobs, como *Narrative*, tem igualmente o propósito de sensibilizar um público específico – nesse caso, o público feminino de formação protestante da região norte do país – quanto aos males da escravidão. Vivendo em um tempo em que as mulheres não possuíam praticamente nenhuma autonomia social e política, Jacobs assume uma dupla tarefa: denunciar um sistema opressor e ao mesmo tempo reverter estereótipos quanto a gênero, raça e classe arraigados na cultura da época. Se escrever era complicado para uma mulher branca, para Jacobs a tarefa torna-se extremamente desafiadora. Logo de início, ela precisa provar que é a autora de seu relato. A legitimidade de seu texto só se confirma em finais do século vinte, após a descoberta de uma coleção de cartas trocadas entre ela e abolicionistas influentes da época, como Harriet B. Stowe, Lydia Maria Child, Nathaniel P. Willis e William C. Nell. Essas cartas corroboram, segundo os pesquisadores, a maioria dos eventos e personagens apresentados em sua história (Yellin, 2004, p. xvii). Atualmente, sua autobiografia, juntamente com a narrativa de Frederick Douglass, tem atraído críticos de várias persuasões.

Questões de autoria à parte, a crítica tem sido unânime ao apontar a maestria com que Jacobs utiliza os recursos estilísticos e literários que lhe eram disponíveis para narrar sua fuga da crueldade física e assédio sexual de seu senhor. Ela faz uso sabiamente, por exemplo, das convenções do romance sentimental, cuja trama envolvia uma mulher frágil lutando contra os ataques e os desejos inescrupulosos de um homem poderoso. Nessas tramas, a personagem luta para manter intacta sua virtude e pureza, bem como a capacidade de controlar seu corpo e mente. O enredo e a caracterização têm, portanto, o intuito de provocar nos leitores fortes emoções e levá-los a se sentirem solidários em relação aos sofrimentos e perseguições da vítima. É sob essa influência, inclusive, que surge a personagem “mulata trágica”, comum em algumas produções ficcionais: uma escrava de traços miscigenados, perseguida por um senhor sem escrúpulos que busca a satisfação de seus desejos sexuais.<sup>20</sup> Jacobs também se utiliza de recursos estilísticos provenientes de sua própria tradição religiosa, na qual era muito comum retratar o sofrimento do escravo usando a estrutura do mito judaico-cristão: uma vida idílica no jardim do Éden, passagem pelo deserto, luta por sobrevivência e ajuda divina seguida de paz e regozijo no paraíso (Foster, 1994, p. 84). Assim, o escravo aguardava ansiosamente o momento da intervenção divina para sua libertação e jornada à terra prometida; nesse caso, o Norte dos Estados Unidos ou Canadá. Os

eventos em *Incidents*<sup>21</sup> são organizados seguindo geralmente este formato: retrata uma escrava miscigenada em sofrimento no cativeiro, vítima de abuso psicológico e assédio sexual, seu anseio por liberdade, intervenção divina e subsequente fuga para o Norte do país.

No entanto, estudiosos já observaram que, embora Jacobs faça uso das convenções do romance sentimental, ela soube extrapolar sentimentalismos superficiais e articular, como observa Beth M. Doriani (1991), uma subjetividade que desafia os estereótipos de seu tempo e explora “autobiographical forms to teach their readers about the black female self” (p. 218).<sup>22</sup> Em outras palavras, é uma narrativa centrada não só na exploração sentimental do tema da escravidão, mas igualmente na descrição da trajetória de uma mulher negra na busca de autossuficiência, independência e autodefinição. Isto é, em *Incidents*, o que se vê não é apenas a apropriação de recursos estéticos com o intuito de emocionar, buscar solidariedade ou mesmo mostrar sua capacidade intelectual diante de um público cético quanto ao potencial de uma mulher negra. Jacobs vai mais adiante. No uso e apropriação dos discursos estilísticos que lhe eram disponíveis, seu intuito maior é subverter e revisar as metáforas e os símbolos que legitimam os discursos político-teológicos que alicerçavam o sistema escravocrata. É importante examinar, dessa forma, os mecanismos linguísticos e literários utilizados pela escritora nesse processo de revisão do discurso dominante.

Como *Narrative*, uma das estratégias revisionistas de Jacobs tem como alvo o mito dos Estados Unidos como o paraíso edênico, habitado por indivíduos vivendo em harmonia e igualdade em uma terra onde emana prosperidade. Em termos de riqueza, o local realmente tem as qualidades de um paraíso, pois em vários momentos a narrativa faz menção da imensa abundância nas fazendas. Contudo, no que se refere a relações humanas, Jacobs mostra que o que abunda na fazenda do senhor Flint é sofrimento, injustiça e abuso de poder. Na narrativa de Jacobs, o Adão bíblico é substituído por um senhor explorador, manipulador e abusivo: Dr. Flint; a Eva da tradição judaico-cristã, por sua vez, é a Sra. Flint, mulher vingativa e de comportamento hostil. O casal está longe de ser o exemplo de espírito e devoção religiosa. Jacobs, desde o início, enfatiza a figura do Dr. Flint como a de um homem sem princípios e disposto a tudo para fazê-la ceder a seus caprichos sexuais:

He tried his utmost to corrupt the pure principles my grandmother had instilled. He peopled my young mind with unclean images, such as only a vile monster could think of. I turned from him with disgust and hatred. But he was my master. I was compelled to live under the same roof with him – where I saw a man forty years my senior daily violating the most sacred commandments of nature. He told me I was

his property; that I must be subject to his will in all things (Jacobs, 2000, p. 773).<sup>23</sup>

Essa passagem retrata com clareza o estado decaído do Éden estadunidense. Se há inocência e pureza, essas qualidades estão presentes na protagonista Linda Brent (Harriet Jacobs), aqui retratada como a vítima de um sistema que delega poderes absolutos a um homem. A mulher negra, normalmente demonizada e retratada como carnal e sedutora, assume características da mulher virtuosa dos relatos bíblicos. A narrativa salienta sua pureza de princípios em oposição ao estado carnal e decaído de seu senhor:

I cannot tell how much I suffered in the presence of these wrongs, nor how I am still pained by the retrospect. My master met me at every turn, reminding me that I belonged to him, and swearing by heaven and earth that he would compel me to submit to him (Jacobs, 2000, p. 774).<sup>24</sup>

Jacobs descreve em muitas outras passagens os subterfúgios a que Dr. Flint recorria para tentar submetê-la a seus desejos. Além dele, havia sua esposa, que via na jovem uma ameaça ao seu casamento. Grandes foram as humilhações, comenta Linda Brent, a que foi exposta devido ao assédio do Dr. Flint e ao ódio mortal de sua esposa. Quanto a essa situação, ela comenta:

I would rather drudge out my life on a cotton plantation, till the grave opened to give me rest, than to live with an unprincipled master and a jealous mistress (p. 776).<sup>25</sup>

Jacobs relata as várias vezes em que a Sra. Flint a questionou a respeito de seu comportamento com o Dr. Flint. Passou depois a ser odiada por ela. Conforme essas passagens sugerem, o paraíso estadunidense, como concebido pelos fundadores e sustentado pelo discurso bíblico, é caracterizado por Jacobs como um local no qual prevalece a lascívia, a corrupção e a violência.

Portanto, como em *Narrative, Incidents* problematiza a dicotomia civilização-barbárie ao retratar o negro escravo – nesse caso, a protagonista Linda Brent –, como dotado de princípios morais e religiosos muito mais superiores aos dos brancos. Isto é, em um movimento revisionista do discurso político-religioso vigente, Jacobs apresenta uma contranarrativa na qual aponta os

white Southerners as the real “heathen” in need of salvation, [and] begins to undermine and even reverse the process whereby religious discourse has been used to promote the enslavement of her race (Cutter, 1996, p. 214).<sup>26</sup>

Nesse processo de reversão e revisão está a inclusão do negro como um indivíduo mais sensível aos ensinamentos bíblicos e mais próximo ao ideal de cristianismo que os senhores e membros do clero. Acima de tudo, está a apresentação de um povo não só ciente dos subterfúgios utilizados para oprimi-los, mas também munidos de ferramentas para minar os alicerces político-teológicos da escravidão. No capítulo intitulado “A igreja e escravidão”, por exemplo, Jacobs retrata o ceticismo dos escravos em relação aos sermões encomendados por seus senhores, cujo objetivo era salientar obediência irrestrita e comodismo social. Em um movimento revisionista, ela transcreve as canções criadas por eles:

Ole Satan's church is here below. / Up to God's free church I hope to go. / Cry Amen, cry Amen, cry Amen to God! (Jacobs, 2000, p. 817).<sup>27</sup>

Em outros momentos, ela descreve os escravos contrapondo Jesus e Satanás, os escravos e os senhores:

Old Satan is one busy ole man; / He rolls dem blocks all in my way; / But Jesus is my bosom friend; / He rolls dem blocks away (p. 816).<sup>28</sup>

Aqui, Jacobs exalta a espiritualidade dos escravos, que, segundo ela, estão muito à frente dos brancos em termos de obediência aos princípios cristãos. Como ela ressalta,

Many of them are sincere, and nearer to the gate of heaven than sanctimonious Mr. Pike, and other long-faced Christians, who see wounded Samaritans, and pass by on the other side (p. 816).<sup>29</sup>

Em suma, *Incidents* não apenas aponta as atrocidades da escravidão, mas se engaja igualmente em um processo de revisão de discursos bíblicos que visavam à exclusão social dos negros. Acima de tudo, Jacobs faz uso, conforme ressalta Sharon Carson (1994), do

New Testament as her authority [to locate] genuine religious experience in the slave community at the same time that she dismantles the religious authority of hypocritical white Christians (p. 64).<sup>30</sup>

Além de se engajar em um revisionismo dos discursos legitimadores da violência e posse de seres humanos, Jacobs também subverte o discurso judaico-cristão em *Incidents* ao construir uma subjetividade na contramão de uma ideologia que colocava o escravo, especialmente a mulher, na mais subalterna e cruel das posições. Como Douglass, ela havia sido ensinada que carregava consigo a marca da servidão, herdada de seus ancestrais, como relatados na Bíblia; como mulher,

além da submissão, carregava ainda o estereótipo de mulher lasciva e sexualmente sedutora. Estava, assim, condenada a ser para sempre submissa, repudiada por esposas ciumentas e cobiçada por senhores inescrupulosos. Seu objetivo torna-se, portanto, ao longo do seu relato, articular uma subjetividade em contraposição aos estereótipos normalmente atribuídos à mulher negra em seus dias. Como Douglass, Jacobs define liberdade não só como a capacidade de ir e vir, mas também em termos de autoridade sobre o espaço circunscrito de seu corpo. Na verdade, é na luta por esse controle que Linda exibe, como observa Lindon Barret (1995), “her greatest measure of authority” (p. 434)<sup>31</sup> e desafio em relação ao Dr. Flint. O movimento nessa luta por autonomia e controle se passa em dois momentos importantes na narrativa. O primeiro se dá no confronto diário no ambiente da casa onde moram.

Sometimes he would complain of the heat of the tea room, and order his supper to be placed on a small table in the piazza. He would sit himself there with a well-satisfied smile, and tell me to stand by and brush away the flies. He would eat very slowly, pausing between the mouthfuls. These intervals were employed in describing the happiness I was so foolishly throwing away, and in threatening me with the penalty that finally awaited my stubborn disobedience. He boasted much of the forbearance he had exercised towards me, and reminded me that there was a limit to his patience (Jacobs, 2000, p. 777).<sup>32</sup>

Porém, mesmo diante de tais ameaças, *Incidentes* retrata Linda Brent como obstinada a não ceder às suas pressões. Mais tarde, na tentativa de buscar controle pelo menos sobre seus desejos, ela decide pedir ao Dr. Flint autorização para se casar com um negro emancipado residente nas redondezas. Outra vez, ela enfrenta sua oposição e abuso de poder, seguidos de violência: “Do you know that I have the right to do as I like with you, – that I can kill you, if I please?”; a resposta dela é: “You have tried to kill me, and I wish you had; but you have no right to do as you like with me” (Jacobs, 2000, p. 785).<sup>33</sup> Ao retratar essa altercação entre Linda Brent e o Dr. Flint, Jacobs enfatiza uma mulher negra reivindicando os direitos sobre si mesma e a autonomia para tomar suas próprias decisões. Como Douglass em sua luta com Sr. Covey, Linda enfrenta seu opressor e, mesmo após ser violentamente atacada, mantém sua posição em relação aos seus princípios. O segundo momento se dá no confronto entre Linda e o Sr. Flint quando este resolve construir uma pequena casa na qual eles deveriam coabitar. Em uma atitude clara de confronto, ela não só o rejeita, mas decide entregar-se a outro pretendente, também branco, que havia se mostrado solidário à sua situação. Mesmo ciente dos princípios religiosos que estava quebrando, ela leva adiante seu plano ao decidir por si mesma com quem haveria de ter filhos. Ela comenta em sua narrativa da dificuldade em fazer essa escolha:

I wanted to keep myself pure; and, under the most adverse circumstances, I tried hard to preserve my self-respect; but I was struggling alone in the powerful grasp of the demon Slavery; and the monster proved too strong for me. I felt as I was forsaken by God and man (Jacobs, 2000, p. 800).<sup>34</sup>

Sua decisão atrai o ódio de seu senhor, que passa a persegui-la de todas as formas, ameaçando vendê-la e separá-la de seu filho, que, mesmo sendo de um homem branco e livre, seguia a linhagem da mãe e era, portanto, propriedade sua.

No entanto, o evento que vem a se tornar o epítome de sua resistência e luta por autonomia é sua decisão em fugir e esconder-se em um sótão da casa de sua avó. O relato conta que ela ficou ali escondida por sete anos, sujeita a todo tipo de privações, mas em controle sobre seu corpo: “[b]ut for weeks I was tormented by hundreds of little red insects, fine as a needle’s point, that pierced through my skin, and produced an intolerable burning” (Jacobs, 2000, p. 861)<sup>35</sup>, além dos ratos e camundongos que passavam por sua cama. Nessa situação, ela assiste, através de uma pequena fenda, ao que se passa no terreiro, vê seus filhos e fica sabendo, inclusive, das artimanhas do Dr. Flint para descobrir seu paradeiro. Para ele, ela havia fugido para o Norte com a ajuda de seus familiares. Embora sua situação no esconderijo seja precária, é lá que ela concebe um plano para mais uma vez confrontar seu opressor e defender, assim, sua autonomia. Ela decide “to match [her] cunning against his cunning” (p. 872)<sup>36</sup> ao escrever-lhe cartas como se estivesse em Nova Iorque. O plano tem o efeito esperado, pois ele passa a acreditar que Linda não se encontra mais na região. Ele chega, inclusive, a aprisionar alguns de seus parentes, mas seus esforços em extrair alguma informação são em vão. Após quase sete anos aprisionada em um espaço hostil, ela consegue imprimir fuga para o Norte, onde, mais tarde, se torna, como Douglass, uma defensora da causa negra.

Assim, em contraposição aos estereótipos atribuídos à mulher negra, Linda Brent luta arduamente para impor a autoridade sobre o espaço de seu corpo. Como Lázaro na sepultura, ela perde o contato físico com os seus amigos e se torna, como comenta Georgia Kreiger (2008), “a disembodied presence in her family’s midst” (p. 614)<sup>37</sup>. Morta para o mundo, só uma “ressurreição” milagrosa poderia restaurar-lhe a vida. Como Douglass, que descreve sua vitória sobre Covey como uma ressurreição ou novo nascimento, a luta de Linda por autonomia é ilustrada por meio da mesma alegoria bíblica. Isto é, o sótão representa a sepultura, a morte e o sacrifício do corpo por uma causa nobre – nesse caso, a defesa de princípios e direitos do escravo sobre seu corpo e mente. Jacobs se apropria, dessa forma, do simbolismo inerente na alegoria bíblica “morte” e “ressurreição” para anunciar um novo começo em sua luta por autonomia e

liberdade. Ao ser confinada em um sótão, Linda deixa para trás uma vida de servitude e trabalho árduo. Ao “ressurgir” após sete anos, ela tem diante de si um mundo no qual pode construir sua identidade longe da opressão física e psicológica de seu antigo senhor. A alegoria bíblica da jornada ao paraíso, após a passagem árdua pelo mundo cruel, morte e confinamento do corpo, subverte noções exclusivistas de salvação e redenção. O Norte assume a função das regiões celestiais no qual podem habitar os que se dispuserem a lutar por valores morais, independente de sua origem racial. Nesse processo de apropriação e subversão, Jacobs afirma não só sua capacidade de autodefinição, mas também, como conclui Sharon Carson (1994), “her [own] theology, against the religious (and sexual) claims of Flint, and by extension, against the theological underpinnings of white slaveholding Christianity ...” (p. 66)<sup>38</sup>. Isto é, Jacobs oferece não apenas uma crítica ao sistema escravocrata vigente ao expor os abusos e as crueldades a que escravos, especialmente mulheres, estavam sujeitas, mas também uma leitura subversiva da narrativa bíblica ao colocar uma personagem negra como a vencedora sobre a morte – nesse caso, o Dr. Flint, retratado na narrativa como o epítome do mal.

Em suma, tanto Frederick Douglass quanto Harriet Jacobs se destacam por criarem narrativas que vão além das convenções estilísticas de seu tempo. Embora ambos tenham sido influenciados por modelos narrativos comuns dentro da cultura dominante, vão muito além desses recursos convencionais em suas descrições das mazelas e injustiças da escravidão. Na organização e apresentação dos eventos narrados, preocupam-se não só em denunciar senhores de escravos inescrupulosos, mas também em reorganizar um espaço geopolítico marcado principalmente por interpretações duvidosas e tendenciosas do relato bíblico. *Narrative* mostra um sujeito confrontando o discurso protestante vigente ao expor as falácias da noção edênica do Novo Mundo e as incongruências entre a noção anglo-saxônica de paraíso e a instituição da escravidão. Mostra, acima de tudo, um indivíduo criando seu próprio espaço dentro da ideologia protestante que considerava o afro-descendente fadado à passividade e subserviência. A luta entre Douglass e Covey mostra não apenas a emancipação do personagem, mas exemplifica igualmente a busca de reorganização do espaço geopolítico. *Incidents* engaja-se, da mesma forma, em um processo revisionista ao protagonizar uma personagem negra se apropriando e subvertendo discursos políticos e religiosos que colocavam a mulher como mercadoria não só para o trabalho escravo, mas também para ser explorada sexualmente. Nessa narrativa, a personagem expõe as falácias da noção edênica do Novo Mundo ao colocar o Dr. Flint e a Sra. Flint como as figuras centrais de um paraíso decaído. Se as narrativas bíblicas eram utilizadas para dominar escravos, Jacobs faz uso da mesma retórica ao colocar o negro no centro de uma narrativa de redenção e liberdade. Os sofrimentos e as aventuras da personagem Linda, bem como seu confinamento e fuga para o Norte

ganham proporções espirituais por meio da apropriação do tropo bíblico “morte” e “ressurreição”, bem comum no universo cristão. *Narrative* e *Incidents* tornam-se, dessa forma, discursos paralelos, revisionistas, subversores da ideologia vigente, ao retratarem o solo estadunidense como um jardim decaído, dominado por uma instituição igualmente sórdida e habitado por homens e mulheres inescrupulosos que usavam o discurso judaico-cristão para fins próprios. São narrativas em cujos espaços estereótipos, metáforas e ideologias exclusivistas são expostas, subvertidas e revisadas.

## Notas

[1] “Quando Jacques Derrida faleceu, um repórter me telefonou querendo saber o que sucederia a alta teoria e o triunvirato raça, gênero e classe como o centro de energia intelectual na academia. Eu respondi sem titubear: religião.” (São de minha autoria as traduções subsequentes de citações de obras críticas, bem como dos textos analisados.)

2 “sempre que ordenamos o espaço político também temos, inevitavelmente, Deus em nossas mentes (...) o pensar é sempre um tipo de fé proto-primária, quaisquer que sejam nossas crenças concretas ou particulares, sejam confessionais ou mesmo seculares.”

3 “e aprender a pensar sobre teologia de forma diferente, isto é, pensar sobre Deus de outro modo, reimaginar Deus.”

4 Frederick Douglass revisou intensamente sua autobiografia. Após publicar a primeira versão em 1845, revisou o manuscrito e publicou segunda versão, em 1855, com o título de *My bondage, my freedom*. Sua última versão foi publicada em 1881 como *Life and times of Frederick Douglass* e expandida em 1892, três anos antes de seu falecimento. Neste ensaio, as citações são da primeira e terceira versões, conforme indicação parentética do título.

5 A partir deste ponto, utilizarei apenas *Narrative* ao me referir à obra *Narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave. Written by himself* (1845).

6 “emancipado da história, destituído de ancestrais, sem as heranças comuns de raça e família; autossuficiente e progressista, pronto para confrontar qualquer obstáculo utilizando apenas seus próprios



recursos.”

7 “Nele, abundavam frutas de quase todas as espécies, desde a maçã rústica do Norte até a suave laranja do Sul.”

8 “peixe, carne e aves em profusão. Galinhas de toda a espécie, patos de todo o tipo, selvagens e domésticos (...) o aspargo macio, o aipo crocante, a delicada couve-flor, a berinjela, a beterraba, a alface, a pastinaca, as ervilhas e o feijão.

9 “Esta imensa riqueza, este esplendor dourado, esta profusão de luxo, esta vida de gozo, este mar de abundância, não eram os portões de pérola, como pareciam, a um mundo de felicidade e doce contentamento.”

10 “Este pomar era motivo de muita tentação na fazenda. Seus excelentes frutos eram uma forte tentação para garotos, bem como para escravos mais velhos, que pertenciam ao coronel, poucos dos quais tinham a virtude ou o desejo de resistir. Raramente, passava-se um dia, durante o verão, em que um escravo não era chicoteado por roubar um fruto;”

11 “... depois disso, se um escravo fosse pego com qualquer mancha de piche em seu corpo, era prova suficiente de que tinha estado no jardim ou tentado entrar.”

12 “o tropo do jardim para refutar a perspectiva idílica Anglo-Americana acerca da noção paradisíaca de jardim do Novo Mundo.”

13 “espíritos invisíveis do mau.”

14 “Mas com o Sr. Covey o artifício era natural. Tudo o que ele possuía em forma de aprendizado ou religião era direcionado à mentira. Ele parecia não consciente de que a prática era vil, desprezível ou ignóbil. (...) Sua religião era algo totalmente à parte de suas preocupações seculares.”

15 “Ele raramente se aproximava visivelmente do lugar onde estávamos trabalhando se podia fazê-lo

secretamente. Seu objetivo era sempre pegar-nos de surpresa. Tais eram suas artimanhas que costumávamos chamá-lo, entre nós, de ‘a serpente’.”

16 “ato elocucional por extensão, que monitora a transformação do sujeito da categoria de subumano (escravidão) para a de humano (liberdade).”

17 “... de onde veio a força eu não sei – resolvi lutar; e, munido de resolução e ação, agarrei Covey firme pela garganta; ao fazer isso, levantei-me.”

18 “uma ressurreição gloriosa, da tumba da escravidão para o céu da liberdade.”

19 “Ao contrário do Lázaro ressurreto, os afro-americanos (...) não permaneceram inteiramente mudos em relação a estes assuntos. Seus escritos refletem descontinuidades impostas, crueldades e mortalidades sob a escravidão e o colonialismo e demonstram o desejo de buscar a vida, em meio à morte, e significado, em meio ao caos.”

20 Entre os textos mais conhecidos que exploram a temática da mulata trágica, encontram-se: *Clotel; or, The president's daughter. A narrative of slave life in the United States*, de William W. Brown (1853), e *Iola Leroy, or Shadows uplifted*, de Frances E.W. Harper (1892).

21 A partir deste ponto, apenas *Incidents* será usado para referência à obra de Harriet Jacobs.

22 “formas autobiográficas, cujo objetivo era conscientizar seus leitores a respeito do eu negro feminino.”

23 “Ele fazia de tudo para corromper os princípios de pureza que minha avó havia instilado em mim. Ele povoava minha mente com imagens obscenas, tais como só um monstro vil as poderia conceber. Eu fugia dele com horror e ódio. Eu era obrigada a viver sob o mesmo teto que ele – onde um homem quarenta anos mais velho que eu diariamente violava os mais sagrados mandamentos da natureza. Ele dizia que eu era sua propriedade; que deveria me submeter a seus desejos em todas as coisas.”

24 “Não posso descrever o quanto sofri diante de tais erros, nem como ainda sofro em retrospecto. Meu

senhor me buscava em cada canto, lembrando-me que pertencia a ele, jurando pelos céus e pela terra que iria me compelir à submissão.”

25 “Preferiria sacrificar minha vida em uma plantação de algodão, até a sepultura abrir-se para me abrigar, a morar com um senhor sem princípios e uma senhora tomada pelo ciúme.”

26 “o sulista branco como o verdadeiro ‘pagão’ necessitando de salvação e solapa ou mesmo reverte o discurso religioso utilizado para promover a escravidão de sua raça.”

27 “A igreja de Satanás é aqui embaixo. / Para a igreja livre de Deus eu espero ir. / Clamem Amém, clamem Amém, clamem Amém a Deus.”

28 “Satanás é um homem muito ocupado; / Ele coloca pedras em meu caminho; / Mas Jesus é meu amigo íntimo; / Ele remove as pedras do meu caminho.”

29 “Muitos deles são sinceros, e estão mais próximos do portão celestial que o santimonial Sr. Pike [pregador] e outros cristãos que veem samaritanos feridos e atravessam para o outro lado.”

30 “Novo Testamento como sua autoridade [a fim de situar] a verdadeira experiência religiosa na comunidade negra, ao mesmo tempo em que demole a autoridade religiosa de cristãos brancos hipócritas.”

31 “a maior medida de autoridade.”

32 “Às vezes, ele reclamava do calor na sala e pedia que lhe fosse servido o jantar na mesa do jardim. Ele se sentava e sorridente me pedia que lhe abanasse e espantasse as moscas. Ele comia bem devagar, pausadamente. Nos intervalos, falava da felicidade que eu estava jogando fora e me ameaçava falando das penalidades que me aguardavam devido à minha desobediência. Gabava-se de sua tolerância e me lembrava de que sua paciência tinha limites.”

33 “Você sabe que tenho direito de fazer contigo o que me aprouver? – que posso te matar se quiser?; O senhor tentou me matar, e bom seria se o tivesse; mas não tem o direito de fazer comigo o que bem

quiser.”

34 “Eu queria me manter pura; e, sob as mais adversas circunstâncias, eu tentei arduamente preservar meu respeito próprio; mas eu estava lutando sozinha contra as garras poderosas do demônio da Escravidão; e o monstro mostrou-se demasiado forte pra mim. Senti-me abandonada por Deus e pelos homens.”

35 “mas, por semanas a fio, eu era atormentada por centenas de insetos vermelhos, afiados como ponta de agulha, que picavam a minha pele e produziam uma sensação intolerável de queimadura”.

36 “usar sua esperteza contra a esperteza dele”.

37 “uma entidade desincorporada em meio a seus familiares.”

38 “Sua [própria] teologia, na contramão das afirmações religiosas (e sexuais) de Flint, e por extensão, na contramão dos suportes teológicos do cristianismo escravocrata branco ...”

## Referências

BARRET, L. African-American narratives: literacy, the body, authority. *American Literary History*, v. 7, n. 3, p. 415-442, 1995.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BROOKS, J. *American Lazarus: religion and the rise of African-American and Native-American literatures*. New York: Oxford University Press, 2003.

CALLAHAN, A. D. *The talking book: African-Americans and the bible*. New Have: Yale University Press, 2006.

CAPUTO, J. D.; KELLER, C. Theopoetic/Theopolitic. *Crosscurrents*, v. 56, n. 4, p. 105-111, 2007.

CARSON, S. Dismantling the House of the Lord: theology as political philosophy in *Incidents in the life of a slave girl*. *Journal of Religious Thought*, v. 51, n. 1, p. 53-66, 1994.

CUTTER, M. J. Dismantling the “Master’s House”: critical literacy in Harriet Jacobs’s *Incidents in the life of a slave girl*. *Callaloo*, v. 19, n. 1, p. 209-225, 1996.

DORIANI, B. M. Black womanhood in nineteenth-century America: subversion and self-construction in two women’s autobiographies. *American Quarterly*, v. 43, n. 2, p. 199-222, 1991.

- DOUGLAS, F. *Life and times of Frederick Douglass*. Rev. ed. 1892. New York: Crowell Collier, 1962.
- \_\_\_\_\_. Narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave. Written by himself. 1845. In: ANDREWS, William L.; GATES JR., Henry (Org.). *Slave narratives*. New York: The Library of America, 2000. p. 267-368.
- FELCH, S. M. A seminar on Christian scholarship and the turn to religion in literary studies. *Christianity and Literature*, v. 58, n. 2, p. 213-216, 2009.
- FOSTER, F. S. *Witnessing slavery: the development of ante-bellum slave narratives*. 2<sup>nd</sup> ed. Madison: University of Wisconsin Press, 1994.
- GREENE, J. L. *Blacks in Eden: the African-American novel's first century*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996.
- JACOBS, H. Incidents in the life of a slave girl. Written by herself. 1861. In: ANDREWS, William L.; GATES JR., Henry (Org.). *Slave narratives*. New York: Penguin, 2000. p. 743-945.
- KREIGER, G. Playing dead: Harriet Jacobs's survival strategy in *Incidents in the life of a slave girl*. *African American Review*, v. 42, n. 3-4, p. 607-621, 2008.
- KUSCHEL, K. *Os escritores e as escrituras: retratos teológicos-literários*. Tradução Paulo Astor Soethe, Maurício Cardoso, Elvira Horstmeyer e Ana Lúcia Welters. São Paulo: Loyola, 1999.
- OLNEY, J. "I was born": slave narratives, their status as autobiography and as literature. In: DAVIS, Charles T.; GATES JR., Henry Louis (Org.). *The slave's narrative*. New York: Oxford University Press, 1990. p. 148-175.
- PIERCE, Y. African American literature as spiritual witnesses: the poetic example of Margaret Alexander Walker. *Christianity and Literature*, v. 58, n. 2, p. 233-237, 2009.
- TOLLER, H. T. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2009.
- WARDROP, D. "While I am writing": Webster's 1825 Spelling Book, the EII, and Frederick Douglass's Positioning of Language. *African American Review*, v. 32, n. 4, p. 649-660, 1998.
- YELLIN, J. F. *Harriet Jacobs: a life*. New York: Basic Civitas, 2004.

### **Dados do autor:**

\*José de Paiva dos Santos

Doutor em Letras e Professor Adjunto de Literaturas de Expressão Inglesa – Faculdade de

Letras/Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Endereço para contato:

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Av. Antônio Carlos, nº 6627

31270-901 Belo Horizonte/MG – Brasil

Endereço eletrônico: [jdsantos35@yahoo.com](mailto:jdsantos35@yahoo.com)

Data de recebimento: 1º jun. 2010

Data de aprovação: 14 mar. 2011